

TELEJORNAL: UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS

Anny Michelly Brito
SED/NEAD/UEMS

Berenice Alves da Silva Altafini (UEMS)
SED/NEAD/UEMS

RESUMO: Considerando que um dos objetivos do ensino-aprendizagem de língua portuguesa de acordo com os PCN é que o aluno amplie o domínio discursivo e faça uso deste nas mais diversas situações comunicativas, principalmente nas de uso público de linguagem, observa-se, assim, que a oralidade é um dos principais eixos a ser desenvolvido com os alunos no ambiente escolar, por meio da prática de produção de textos orais. Desse modo, este trabalho apresentará uma sequência didática tomando como objeto de ensino-aprendizagem a produção do gênero textual telejornal. O objetivo deste é fazer com que o aluno amplie seu domínio discursivo por meio desse gênero textual. Para a elaboração da sequência de atividades propostas foram consideradas as contribuições teóricas de Luiz Antônio Marchuschi, João Wanderley Geraldi e Irandé Antunes, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais utilizado como documento norteador.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Produção de texto oral. Telejornal.

Introdução

O ensino de língua materna vem passando por mudanças, mudanças estas que estão evidenciadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, datado de 1998. Esse documento apresenta avanços significativos para as práticas de ensino de língua portuguesa. A leitura e a produção de textos orais e escritos deixam de ser vistos apenas como práticas com fins escolares e passam a ser um meio de interação social, já que os saberes trabalhados na escola são utilizados fora do ambiente escolar.

Entretanto, mesmo sendo citada no PCN como eixos que devem ser desenvolvidos com os alunos na escola, a oralidade nem sempre é trabalhada durante as aulas de língua materna já que o foco do ensino recai sobre a modalidade escrita da língua.

Considerando que a língua se aprende por meio da interação verbal, é necessário que, além da leitura e da escrita, o aluno fale, ou seja, que o trabalho com a oralidade seja desenvolvido com os alunos em sala de aula. Sendo assim, ao considerar a linguagem nas suas funções de interação faz-se necessário adotar práticas efetivas de comunicação (ANTUNES, 2009). Dessa forma, cabe ao professor propor atividades que levem o aluno a conhecer e produzir diferentes gêneros orais.

Seguindo esse prisma, este artigo tem como objetivo propor uma sequência de atividades destinada aos alunos do 8º ano do ensino fundamental. As atividades propostas buscam desenvolver nos alunos a oralidade. Espera-se que ao desenvolver as atividades os alunos compreendam a relevância social do tema abordado, assim como a do gênero em questão. As atividades executadas serão detalhadas na metodologia.

ESTADO DA ARTE: PRODUÇÃO DE TEXTO ORAL

Ao iniciar nos anos finais do ensino fundamental os alunos (as) se expressam oralmente com facilidade, a escola por sua vez se preocupa em ensiná-los a ler e a escrever. Consequentemente a produção de texto oral fica em segundo plano, é o que podemos constatar nos PCN.

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia a dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. (PCN, 1998, p. 24)

Os PCN acrescentam ainda que o diálogo entre o professor e os alunos em sala de aula é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, no entanto, não dá conta das múltiplas exigências estabelecidas pelos gêneros do oral. O desafio da escola é preparar o aluno para se comunicar oralmente em instâncias públicas. O PCN direciona a escola para o ensino da linguagem oral da seguinte maneira:

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCN, 1998, p.25)

A escola ao trabalhar com situações significativas de produção de texto oral prepara o aluno para práticas languageiras que perpassa o âmbito escolar. Para tanto, faz-se necessário criar situações que utilize diferentes gêneros textuais presentes nas práticas reais de comunicação, evitando utilizar apenas a modalidade formal da língua.

Assim como a produção de texto escrito exige planejamento e contextualização voltada para realidade do educando a produção de texto oral requer o mesmo cuidado. Irlandé Antunes apresenta quatro constatações referentes às atividades voltadas para oralidade:

uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da língua estão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matéria de sala de aula (cf. Marcuschi, 2001: 19); uma equivocada visão da fala, como o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática. De acordo com essa visão, tudo o que é “erro” na língua acontece na fala e tudo é permitido, pois ela está acima das prescrições gramaticais; não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial; uma concentração das atividades em torno dos gêneros da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada; nesse contexto, predominam os registros coloquiais, como a “conversa”, “a troca de ideias”, “a explicação para o colega vizinho” etc. Na verdade, o trabalho se restringe à reprodução desses registros informais, sem que se promova uma análise mais consistente de como a conversação acontece; ou seja, uma generalizada falta de oportunidades de se explicar em sala de aula os padrões gerais da conversação, de se abordar a realização dos gêneros orais da comunicação pública, que pedem registros formais, com escolhas lexicais mais especializadas e padrões textuais mais rígidos, além do atendimento a certas convenções sociais exigidas pelas situações do “falar em público”.(ANTUNES, 2003, p.24)

A prática da oralidade em sala de aula vai além das conversações cotidianas que ocorrem naturalmente sem planejamento prévio. O aluno ao produzir textos orais referentes as práticas reais de conversação que ocorrem fora do âmbito escolar, tem a possibilidade de refletir sobre os diferentes gêneros textuais e que tipo de linguagem é apropriada para cada tipo de situação conversacional. Ao propor atividades significativas a escola propicia aos alunos possibilidades de utilizá-las em suas práticas sociais.

De acordo com Antunes (2003), ao aceitar o caráter interacional da oralidade e que ela se realiza em diferentes gêneros o professor de Língua Portuguesa é levado a intervir nas atividades pedagógicas para que estas se apropriem das características listadas a seguir:

- a. uma oralidade orientada para a coerência global;
- b. uma oralidade orientada para articulação entre diversos tópicos ou subtópicos da interação;
- c. uma oralidade orientada para as suas especificidades;
- d. uma oralidade orientada para a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais;
- e. uma oralidade orientada para facilitar o convívio social;

f. uma oralidade orientada para se reconhecer o papel da entonação, das pausas e de outros recursos suprasegmentais na construção do sentido do texto;

g. uma oralidade que inclua momentos de apreciação que inclua momentos de apreciação das realizações estéticas próprias da literatura improvisada, dos cantadores e repentistas;

h. uma oralidade orientada para desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores.

Cada um dos itens acima listados pela professora Antunes, é passível de direcionar o professor de português a trabalhar com a oralidade conforme as orientações dos PCN. É fundamental que o docente entenda a relevância que os textos orais desempenham na formação acadêmica do alunado para que este possa propor atividades que contemplem as características citadas anteriormente.

De acordo com a autora é um equívoco considerar que há uma oposição entre fala e a escrita, o que existe entre ambas são diferenças e similaridades. Além disso, cabe ressaltar que a fala não é uniforme, pois, não se realiza sempre da mesma maneira dependerá de cada contexto. Em algumas situações exigirá um nível mais formal em outras situações o coloquial será mais adequado como, por exemplo, em uma palestra e um diálogo entre amigos.

Conforme Marscuschi (2010, p.17) “Oralidade e escrita são práticas da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. A oralidade e a escrita compõem apenas um sistema linguístico, ambas desempenham funções sociais essenciais para comunicação.

A produção de texto oral e texto escrito ao fazer parte da rotina escolar propicia aos alunos aprimorar e ampliar as suas práticas languageiras. Partindo do pressuposto que o texto é o objeto de ensino da língua faz-se necessário estudá-lo em suas mais variadas situações de comunicação.

Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, ampliar a sua competência discursiva. (PCN, 1998, p.27)

É descabido no ensino de língua materna ater-se exclusivamente a exercícios que envolva a gramática. Reduzindo o estudo do texto a análise de frases descontextualizadas e que não leva o aluno a refletir sobre a língua. É sabido que para falar e escrever apropriadamente tanto na língua materna quanto na língua estrangeira não basta apenas “dominar” a sua gramática. Geraldi (2013) considera a produção de texto (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo processo de ensino/aprendizagem da língua.

Portanto, faz-se necessário que a escola proponha atividades voltadas para a escrita e também para oralidade, pois os alunos em suas práticas discursivas utilizam tanto a modalidade escrita quanto a oral.

PRODUÇÃO DE TEXTO ORAL: TELEJORNAL

Buscando atender as orientações do PCN em trabalhar na sala de aula gêneros orais dos mais espontâneos aos mais regulados, foi desenvolvida com uma turma do 8º ano, da rede municipal de ensino, uma sequência de atividades para a produção de um telejornal, pois segundo Marote & Ferro (1994) o professor de língua materna deve propor atividade que estimulem a produção oral dos alunos, visando o desenvolvimento e o aprimoramento dessa produção. Desta forma se cria um processo de produção: do espontâneo ao mais regulado, que se desenvolve na escola, mas também fora dela.

Cabe destacar que os gêneros textuais orais possuem características distintas dos gêneros escritos como a troca de turno – cada vez que um interlocutor toma a palavra; marcadores conversacionais – colaboram para dar tempo de repensar o que se está falando; hesitações, repetições e correções; e digressões – quando há fuga do tema principal do texto (SANTOS, RICHE & TEXEIRA, 2013), além da entonação e dos recursos paralinguísticos como gestos e expressões faciais Marote & Ferro (1994).

Desta forma, segue descrita a sequência de atividades desenvolvida com os alunos do ensino fundamental durante dez aulas.

AULA 1

Na primeira aula, a professor apresentou para os alunos a proposta de produção de um telejornal. A sequência de atividades proposta possui como objetivo o desenvolvido das habilidades de produção do texto oral em uma situação de comunicação real como:

1. Levar os alunos a conhecer e dominar sua língua, nas situações mais diversas.
2. Desenvolver, nos alunos, instrumentos eficazes para melhorar sua capacidade de falar.
3. Construir com os alunos uma representação das atividades orais em situações complexas.

A atividade foi bem acolhida pelos alunos que se prontificaram em executar todas as etapas da sequência. Em seguida os alunos foram divididos em grupos e questionados sobre:

- a. Qual modalidade da língua predomina no telejornal?
- b. O que é linguagem oral?
- c. Quais atividades do cotidiano envolvem a linguagem oral e quais envolvem a linguagem escrita?

Estas perguntas serviram de diagnóstico para a professora verificar o que os alunos entendem por oralidade. Também foram realizadas perguntas sobre o gênero textual em estudo.

- a. Quais as características do gênero telejornal?
- b. Qual o veículo de publicação do gênero telejornal?
- c. A qual público pode ser destinado o gênero em estudo?
- d. Em qual (is) situação (ões) de comunicação é (são) produzido (os) o telejornal?

A cada pergunta, os alunos debatiam no grupo e, em seguida, expunham para o restante da turma suas conclusões.

AULA 2

Esta aula foi dividida em dois momentos. No primeiro, os alunos foram até a biblioteca da escola para pesquisarem as respostas das perguntas feitas na aula anterior para verificarem se suas hipóteses estavam corretas ou equivocadas.

No segundo momento, os alunos retornaram para a sala de aula a fim de discutir em grupo a quais conclusões chegaram, e por fim, exporem suas opiniões para a turma.

AULA 3

Nesta aula, os alunos foram ao laboratório de tecnologia pesquisar sobre o gênero telejornal e assistir a algumas edições de telejornais predeterminados, a fim de conhecer a estrutura e a organização do telejornal.

Os alunos foram orientados a anotar suas impressões sobre a variação linguística utilizada pelos jornalistas e levantar hipóteses sobre a escolha da variação utilizada.

No final da aula, os alunos em pequenos grupos apresentaram para a sala suas hipóteses.

AULA 4

Após as pesquisas realizadas nas aulas anteriores, a professora retomou todos os assuntos pesquisados pelos alunos com o objetivo de esclarecer dúvidas e consolidar as hipóteses levantadas. Houve ênfase na explicação referente às modalidades da língua e sobre a variação linguística.

AULA 5

Nesta aula, a professora e os alunos puderam definir os assuntos que seriam abordados no telejornal, o público a que seria destinado – comunidade escolar – e o veículo de circulação do telejornal – página da escola no site de relacionamento *Facebook*.

A turma foi dividida em grupos de 4 integrantes, cada grupo ficou responsável por organizar e gravar uma seção do telejornal seguindo as funções descritas abaixo:

1. Apresentadores – conhecer as demais seções do telejornal, apresentar e gravar o telejornal.
2. Jornalistas – selecionar fatos, acontecimentos e assuntos de interesse do público alvo, organizar e gravar uma apresentação sobre o tema selecionado.
3. Caderno de esportes – selecionar uma modalidade esportiva e um aluno destaque na modalidade escolhida, organizar e gravar a apresentação sobre o assunto.
4. Previsão do tempo – pesquisar sobre o tempo da semana, organizar e gravar a apresentação.

5. Caderno de economia – fazer um levantamento de preços sobre os principais produtos consumidos pelos alunos no recreio, fazer a indicação do estabelecimento com os preços mais em conta, organizar e gravar a apresentação.

6. Entrevistadores – selecionar personalidades de destaque na comunidade escolar, produzir um questionário de perguntas, organizar e gravar a entrevista.

7. Entretenimento – pesquisar sobre um evento cultural que os alunos da escola possam participar, organizar e gravar a notícia.

Todos os alunos foram orientados pela professora a utilizarem a variante padrão durante as gravações.

AULA 6

Esta aula foi utilizada pelos alunos para construírem um esboço de suas apresentações as quais foram expostas à professora para que ela fizesse as intervenções necessárias.

AULAS 7 E 8

Foram destinadas as gravações dos vídeos que compuseram o telejornal.

AULA 9

No laboratório de tecnologia, os alunos editaram seus vídeos, assim puderam selecionar as partes que consideraram mais interessantes e as partes desnecessárias.

Em seguida, a professora fez a junção de todos os vídeos formando assim a primeira edição do telejornal.

AULA 10

Com auxílio de material audiovisual a professora apresentou para os alunos o telejornal produzido por eles, com os esboços em mãos alunos puderam verificar que mesmo tendo feito esqueletos das falas,

durante as apresentações eles tiveram que improvisar, também foi possível verificar que as marcas de oralidade como marcadores conversacionais e hesitações presente nas apresentações dos alunos em vários momentos.

Por fim, o telejornal foi divulgado na página do *Facebook* da escola e toda a comunidade escolar teve acesso ao vídeo. Os alunos ficaram muito orgulhosos do trabalho realizado por eles.

Considerações finais

Acreditamos que o ensino-aprendizagem de língua materna deve perpassar a modalidade oral e a escrita, desta forma a produção de textos orais textuais por meio de sequência e atividades é válida, pois propicia o estudo organizado e sistemático de um determinado gênero, além do aprimoramento da oralidade.

Os textos jornalísticos é uma importante ferramenta para prática escolar do professor de língua materna, pois, possibilita trabalhar simultaneamente com as modalidades oral e escrita da língua.

A partir das atividades realizadas no âmbito escolar, foi possível verificar que os alunos demonstraram maior interesse na realização das tarefas propostas, pois estas estavam presentes em suas práticas cotidianas, assim a aprendizagem se mostrou desafiadora e significativa para o alunado.

Para finalizar vale destacar as palavras de Possenti (1996, p. 96) “O ensino deveria subordinar-se à aprendizagem”. Para o autor o ensino de português deve deixar de ser apenas uma transmissão de conteúdos prontos, o aluno precisa construir seu próprio conhecimento. Esta sequência didática procurou levar os alunos a serem aprendizes ativos, construtores de sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL, SEF/MEC. *Parâmetros Curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental- Língua Portuguesa*. Brasília: SEF/MEC, 1998.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2010.

MAROTE, João T. D.; FERRO Gláucia D. M. *Didática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.



EDIÇÃO 20 – 2º SEMESTRE DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/05/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/06/2015

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SANTOS, Leonor W.; RICHE, Rosa C.; TEIXEIRA, Claudia S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2013.